



Leonardo Affonso de Miranda Pereira e Sidney Chalhoub (orgs.). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 (Coleção Histórias do Brasil).

por Isabel Lustosa

O que historiadores de hoje podem descobrir sobre o passado nas entrelinhas das obras de nossos escritores? Uma antologia traz novas reflexões sobre a relação entre fato e ficção.

Em doze artigos, este livro contempla a literatura brasileira do ponto de vista da história. Fazem seus organizadores na introdução um alerta: a literatura é lida aqui não apenas como fonte, documento, mas como objetivo.

A primeira parte do livro reúne quatro estudos sobre Machado de Assis, sendo o primeiro deles do inglês John Gledson. O historiador, que há muitos anos vem se dedicando aos estudos machadianos, trabalha aqui com dois dos contos reunidos em *Papéis avulsos*: “Verba testamentária” e “O espelho”. Analisa, através deles, a relação de Machado com a história do Brasil e demonstra o esforço feito pelo escritor para apreender a essência da identidade nacional.

Na seqüência, o texto de Jefferson Cano apresenta informações preciosas sobre questões relacionadas com a historiografia brasileira. Partindo de correspondência mantida entre Machado e Capistrano de Abreu, tem a intenção de identificar o conceito de história em Machado, em contraste com o que era formulado e se impusera a partir dos paradigmas do IHGB. Lúcia Granja recupera a primeira fase do jornalismo machadiano e a leitura que ele fará, na década de 60, dos acontecimentos relacionados com a Guerra do Paraguai.

Sidney Chalhoub fecha esta primeira parte com o artigo mais polêmico. Chalhoub diz que as políticas de dominação na sociedade brasileira do século 19 eram de caráter paternalista. Analisa, deste ponto de vista, as relações que entretêm entre si personagens machadianos como Capitu “conhecia a arte do diálogo político possível aos dependentes” e que os “dependentes”, “sempre que sujeitos da história”, traem os senhores. (Por senhores entenda-se aqui, Bentinho). Dessa assertiva conclui, valendo-se de expressão talvez não muito adequada para texto acadêmico: “Se esta é a única chave possível podemos ficar aliviados: Capitu comeu Escobar.”

Os demais oito artigos detêm-se sobre autores e temas variados: o jornalismo que fez José de Alencar no *Correio Mercantil*, quando escrevia a sessão “Folhetins” é o tema de Silvia Cristina de Souza. Seu texto é seguido pelo de Elciene Azevedo que produz interessante apanhado das trovas do poeta negro Luís Gama, relacionando-as com sua trajetória. Marta Abreu trata, de uma perspectiva bastante original, da obra de Mello Moraes Filho, primeiro folclorista brasileiro que no final do século 19 reuniu em antologia descrições de festas religiosas e folguedos populares, dando peso igual aos de origem européia e africana.

Leonardo Affonso Pereira apresenta as reações do meio literário ao surgimento do futebol no Brasil do começo deste século. Em seu artigo obtemos a curiosa informação de que foi o já então ultrapassado escritor Coelho Neto quem aderiu com entusiasmo ao futebol e que foi o mais que gauche Lima Barreto que liderou a maior campanha contra a penetração do esporte bretão nos hábitos brasileiros.

João Paulo Rodrigues estuda as diferentes leituras que biógrafos e protagonistas fizeram do universo literário e boêmio da nossa Belle Époque, lembrando a origem do termo, desde as migrações de ciganos da Boêmia para a França, passando pelo livro de Muger até à sua fixação, a partir do sucesso da ópera de Pucini. As sucessivas leituras da lenda da Mayandeua por gerações de literatos paraenses, antes e depois da eclosão do movimento modernista, dão o tema de Aldrin

Moura de Figueiredo. O último artigo do livro é o estudo interpretativo de Ana Paula Palamartchuk sobre Jorge Amado e o lugar de suas idéias de homem de esquerda nas obras que publicou nos anos 30 e 40.

A meu ver seria mais harmônico fechar o livro com o notável estudo de Margarida de Souza Neves sobre Mário de Andrade. Tanto pelas qualidades intrínsecas do artigo quanto pelo fato de que se não se pode desconhecer o valor de todos os autores contemplados aqui, também não se desconhece que Machado e Mário são fontes inesgotáveis de questões para todos que estudam a literatura brasileira. Os livros e todos os escritos desses dois mulatos geniais obrigam o Brasil a pensar o Brasil. Se um é esfinge, enigma, o outro se expõe inteiro. Mas os dois têm em comum esse despojamento, o tom coloquial na maneira de escrever que desconcerta o leitor, trazendo-o para uma suposta, porém, apenas aparente intimidade.

Numa garimpagem sofisticada, Margarida descobre o relativismo poético com que Mário lidava com o conceito de memória. A memória dos fatos, na visão do escritor, tende a se enfraquecer com o tempo e nós só recuperamos sua realidade no hoje pelo exagero, fazendo das lembranças, assombrações. Seriam a essas assombrações que nós chamaríamos de "passado". O exemplo mais admirável dessa relação do escritor com a memória está na forma como relembra sua caminhada em algum lugar remoto da Amazônia seguindo os passos de um índio peruano que lhe servia de guia: "Quando permito que o passado se lembre de mim, às vezes sinto esses pés hilitotas andando na minha memória. E à medida que o tempo me afasta deles, vão ficando cada vez mais passos e cada vez mais memória. (...) Só eu os posso identificar com a minha memória e só pelo que está neste papel é que os homens podem saber o que foram esses passos."

Tudo o que Mário escreve, a carta mais banal, é pura poesia, transpiração de gênio. E Mário escreveu tanto, sobre tantos assuntos e para tanta gente que sua obra, sua visão de mundo, sua leitura de Brasil são um manancial inesgotável de novas questões."

Isabel Lustosa

Pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa

* Publicado como "O Brasil de Machado a Mário de Andrade",
Caderno Idéias, Jornal do Brasil, 15 de agosto de 1998.